
SÜSSEKIND, Felipe. *O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. 203 p.

*Jean Segata**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil

Cães mestres e zagaias, radiotelemetria e coleiras com GPS, onças pardas e pintadas, peões e capatazes, boi bagual e gado branco, genética, sangue, carniça e urubus, biólogos e fazendeiros, caçadores e mateiros. Em *O rastro da onça*, há um complexo de relações que desafia a análise antropológica mais rotineira, especialmente aquela sustentada em antinomias esquemáticas como sujeito/objeto ou natureza/cultura. O livro, nos mesmos termos com os quais Sússekind apresenta seu campo, “pode ser tomado, nesse sentido, como o lugar do encontro, da mistura. Não só lugar do encontro entre culturas, mas lugar onde onças, gado, cães e outros animais podem ser tomados como agentes ativos e não objetos passivos.” (p. 191). Dividido em seis capítulos, *O rastro da onça* se situa numa encruzilhada estimulante, que enlaça três movimentos importantes que têm revigorado o debate antropológico nas últimas duas décadas: (i) as recentes etnografias que têm se interessado pela presença de animais na constituição de coletivos, no que mais amplamente tem sido referido como uma *virada animalista* na disciplina; (ii) o *perspectivismo ameríndio* e a centralidade da caça/predação como modo de relação e produção de mundo; e (iii) o encontro entre antropologia e *teoria ator-rede* a partir de trabalhos que voltam sua atenção às práticas de produção científica e a uma crítica feroz ao tratamento da natureza como algo externo e unificado. É por meio desses eixos, conjugados, que apresento a obra.

A pergunta com a qual o autor nos introduz ao seu trabalho vem do título de um livro de John Berger (1977), escrito em meados dos anos de 1970, sobre

* Contato: jeansegata@gmail.com

as relações entre humanos e animais: “por que olhar os animais?”. Com essa questão, Süsssekind endossa uma ampla crítica que vai da teoria literária à filosofia, passando pela sociologia e antropologia e que tem se voltado a pensar o lugar do animal em termos morais e epistemológicos. Trata-se dele como uma *presença*, ou seja, a encarnação para o homem de “uma alteridade particular, portadora de sentido” (Lestel, 2011, p. 46). Essa crítica mobiliza diferentes agentes por meio de movimentos protecionistas em favor dos direitos animais, assim compreendida como uma posição política e moral e igualmente funda o debate epistemológico que postula um novo olhar sobre a composição de mundos, a partir das continuidades entre os humanos e os animais, sua agência e seus ambientes (como abordam a questão, em muitos aspectos, Descola, 2005; Ingold, 2011). Em termos gerais, esse movimento pode ser reconhecido como uma virada animalista.¹

N’*O rastro da onça*, “olhar o animal” é um convite ao desafio teórico e metodológico de vê-lo como quem pode nos observar, “como um ser vivendo uma vida paralela, habitando um mundo diferente” e não apenas como uma coisa, tornada por nós observável, um “objeto, mercadoria, instrumento, espetáculo ou metáfora da condição humana” (p. 15). Nesse caminho, a pesquisa de campo realizada por Süsssekind no Pantanal do Mato Grosso do Sul produz uma descrição que explicita composições onde homens, onças, cães e gado (além de programas de computador, coleiras com GPS e técnicas de caça) dividem o controle da ação. Ao invés de sujeitos (humanos) e objetos (animais ou artefatos) temos atores-rede, no sentido amplamente difundido por Bruno Latour (2012, por exemplo). Nisso, *O rastro da onça* é um salto positivo em tendências contemporâneas, já que tem sido comum encontrar propostas “latourianas” onde há a apresentação do objeto de pesquisa de um lado e o anúncio de seu tratamento pela teoria ator-rede (com uma apresentação de Latour, sua proposta e suas críticas) de outro, numa espécie de justaposição de água e azeite. Raro têm sido os casos onde se consegue formular o campo e suas

¹ *Virada animalista* é uma expressão emprestada de título de um colóquio internacional que reuniu pesquisadores da antropologia, da sociologia e da filosofia no Collège de France, em 2011. O seu programa era orientado pela análise de como, desde as últimas três décadas, as relações homem-animal passaram a constituir um domínio especializado de pesquisa, que entre outras disciplinas, se firma na antropologia (cf. Un “tournant animaliste”..., 2011).

questões e análises por meio da teoria ator-rede, como faz Sússekind em seu trabalho, sem que ela se torne um metadiscurso, externo e explicativo.²

Mas o livro não nos convida apenas a “olhar o animal”. O tom da etnografia nos convida refletir sobre *como é olhar o mundo como uma onça*,³ como sendo uma forma de uma definição de mundo. Na análise de Sússekind, a relação entre homens e a onça no seu ambiente envolve um jogo de olhares, de ver e não ser visto, que estende às fazendas do Pantanal um traço característico de uma metafísica amplamente identificada na etnologia de povos amazônicos, conhecida como perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2002, 2009):

se a onça se deixa ver, é porque ela não está caçando. O problema é justamente quando você não está vendo a onça no mato, porque ela pode estar vendo você. A sensação de que uma onça pode estar espreitando é uma sensação particular que marca a paisagem, que confere ao Pantanal uma qualidade própria. (p. 20).

Para explicitar esse dado, Sússekind organiza grande parte da sua narrativa em torno do episódio de um bezerro predado por onça. O gado, como o combustível econômico das fazendas sul-mato-grossenses, encena a presa-problema no Pantanal; o ataque a ele produz uma tensão entre ecologia, economia e relação entre humanos e animais e casos como o descrito por

² Um trabalho exemplar e pioneiro no Brasil nesse mesmo quesito, o de ser bem-sucedido enquanto “experiência latouriana” é *No mesmo galho*, de Sá (2013), cujo mote não se distancia desse de Sússekind. *O rastro da onça* é uma etnografia que segue os trabalhos de rastreamento e proteção da onça no Pantanal, enquanto *No mesmo galho* é uma etnografia sobre primatólogo sem campo, estudando os macacos muriquis.

³ A inspiração disso vem da ecologia de Jacob Von Uexküll e suas ideias sobre os “ambientes próprios” dos animais: o ambiente não é uma projeção de essências; ele é um conjunto de dispositivos acionados/produzidos com o organismo sensível. Trata-se, pois, em pensar que “um organismo natural não se relaciona com uma natureza única, mas sempre com um determinado ambiente de possibilidades” (p. 60). O questionamento sobre o olhar da onça vem ao encontro também de um conjunto de debates que se tem chamado de “virada ontológica”. Ele tem sido caracterizado por um esforço imaginativo de alguns filósofos contemporâneos para o “achatamento da ontologia” em favor de não tratar como exclusividade humana a capacidade de compor mundos, e isso tem animado alguns debates na antropologia. Entre as figuras-chave desse “movimento” estão Quentin Meillassoux (2006) e o seu *realismo especulativo*, Bruno Latour e um conjunto de questionamentos que começam na *teoria ator-rede* e mais recentemente chegam às discussões sobre os *modos de existência* e sobre o *antropoceno* (Latour, 2012, 2013, 2014), Graham Harman e a sua *ontologia orientada ao objeto* (especialmente Harman et al., 2011) e Tim Ingold (por exemplo, Ingold, 2011), que entre os mencionados é aquele que mais diretamente se liga a Jacob Von Uexküll. Ingold é atualmente uma figura no centro de um conjunto de trabalhos que respondem pelo rótulo de *epistemologias ecológicas* (Steil; Carvalho, 2014).

Süssekind: um animal que é encontrado morto, vitimado por onça, é motivo para o entendimento de que o rastreio dela torne-se um evento mobilizador, que inclui a ação distribuída de diversos atores: cães mestres que trabalham em forma de cooperação com seus humanos onceiros, biólogos que analisam as evidências técnicas produzidas por colares radiotelemétricos equipados com tecnologia de geoposicionamento, pegadas no chão, câmeras fotográficas com sensores de presença, urubus no céu, carniça de algum animal morto. Em outros termos, num paralelo com o perspectivismo e sua forma de organizar posições de humano e não humano, é preciso ter o controle da situação para não perder o lugar do ponto de vista: é preciso caçar a onça para não servir de caça para ela. Ainda que a forma ecológica da predação – a relação predador-presa – seja o que alimenta a discussão dos biólogos sobre os ataques desses animais aos rebanhos de gado nas fazendas, a ideia de ser visto pela onça, que coloca o humano como “objeto” de sua ação, é pensada por Süssekind nos termos filosóficos da predação ontológica. Para ele, mesmo que ressaltadas todas as diferenças entre os contextos etnográficos dessa proposição, o tema de que quem caça é quem tem o ponto de vista marca a vida no Pantanal e confere ao lugar uma dimensão singular:

seguir os rastros que nos conduzem a esse lugar onde há uma onça à espreita me parece implicar nesse aspecto do devir animal, que é o sentido do humano convertido em presa. É também uma forma possível de se colocar a questão do animal como potência de alteridade, isto é, como uma força capaz de abalar ou desterritorializar os fundamentos daquilo que são os limites coesos e bem definidos do humano em sua acepção moderna, como algo separado e afastado da natureza. Ao não permitir essa separação, o olhar da onça é uma tradução possível disso mesmo que é a natureza em seu sentido selvagem; ora absolutamente indiferente, ora apenas um reflexo em vias de desaparecer, ora violentamente próximo e ameaçador. (p. 195).

Ao lado desse tópico, no contexto de temas emergentes, o questionamento sobre *caçar* a onça com zagaia ou com arma de fogo ou *capturá-la* com anestésico, e junto dele um jogo de sentidos paralelos entre *lidar* com o gado bagual e *manejar* o gado branco, põe em debate os efeitos antrópicos, cada vez mais amplificados. No primeiro caso, a zagaia é emblemática para pensar formas tradicionais de relação entre humanos, animais e o tipo de intervenção em seus ambientes, pois o instrumento de madeira, que exige, ao mesmo

tempo, grau técnico e exposição no encontro com o animal, forma um tipo de reconhecimento e identidade negociada, que não se produz no uso da arma de fogo, com seu uso à distância e a passividade, quase covardia e indiferença, em que se encerra a relação entre polos pensados como dados.⁴ Isso corrobora um dado comum em etnografias no campo das relações humano-animal, onde a distância/diferença entre as partes tem sido marcada e acentuada por diversos mecanismos que evitam o contato com o animal e com o que se faz dele – é o caso, por exemplo, da instauração de matadouros e o desenvolvimentos de técnicas e artefatos (cortes, embalagens) que invisibilizam a forma animal da carne comercializada como alimento humano. No segundo caso, o da substituição massiva do *gado bagual*, típico do Pantanal, que é tomado como asselvajado e descrito como *bicho*, pelo gado branco, em geral da raça nelore, manso e tratado como *animal*, que é fruto de cálculos genéticos que visam melhores resultados comerciais, temos um exemplo emblemático do tipo de intervenção nociva que opera aquilo que mais amplamente tratamos por “agronegócio”: a modificação, muitas vezes, irreversível, de determinados biomas e suas formas de equilíbrio. Em ambos os casos, temos importantes motivos para pensar a formação de hierarquias e modos de identificação e relação com o animal e o ambiente. Para além disso, a partir de um contexto particular, a etnografia de Süsskind torna explícito e concreto, como dado e problema antropológico, o tipo de proposição que tem motivado uma série de debates que questionam a intervenção negativa que os humanos operamos no planeta – o dito tempo do antropoceno e suas interferências no clima e ecossistemas – e a sua sugestão de dúvida sobre o futuro (Danowski; Viveiros de Castro, 2014; Latour, 2014).

Em suma, *O rastro da onça* é uma trilha obrigatória a ser desvendada por aqueles que querem entender um pouco mais do complexo mundo das relações homem-animal, da análise antropológica que se vale do dispositivo analítico do ator-rede para pensar a formação de coletivos e dos solos etnográficos que vem permitindo pensar antropológicamente a multiplicidade de agências e suas formas de compor mundos.

⁴ Sautchuk (2007), na sua etnografia sobre a caça do peixe-boi no estuário amazônico também nota a dinâmica implicada no tipo de reconhecimento relacional que há entre a caça com arpão e o tipo de coparticipação homem-animal nela exigida e o emprego das armadilhas com redes de pesca e o tipo de manobra desonesta, do homem que engana o peixe e não se envolve no embate.

Referências

- BERGER, J. *Why look at animals?* London: Penguin Books, 1977.
- DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundo por vir?: ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura & Barbárie, 2014.
- DESCOLA, P. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.
- HARMAN, G. et al. (Ed.). *The speculativeturn: continental materialism and realism*. Melbourne: Re-press, 2011.
- INGOLD, T. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.
- LATOURET, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EdUFBA; Bauru: Edusc, 2012.
- LATOURET, B. *Investigación sobre los modos de existencia: una antropología de los modernos*. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- LATOURET, B. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do antropoceno. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014.
- LESTEL, D. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. In: MACIEL, M. E. (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. p. 23-53.
- MEILLASSOUX, Q. *Après la finitude: essai sur la nécessité de la contingence*. Paris: Seuil, 2006.
- SÁ, G. J. da S. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- SAUTCHUK, C. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriçu, Amapá)*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

STEIL, C.; CARVALHO, I. C. de M. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.

UN “TOURNANT ANIMALISTE” en anthropologie? Colloque International, Paris, 22-24 juin 2011. Programme. Paris: Collège de France, 2011. Disponível em: <http://www.college-de-france.fr/media/philippe-descola/UPL23153_Tournant_animaliste_Animal_Turn_11_06_22_24.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Métaphysiques cannibales: lignes d’anthropologie pos-structurale*. Paris: PUF, 2009.